



Guerra na Síria: um mundo em ruínas

Tomando como ponto de partida a sangrenta guerra civil na Síria, Bernardo Pires de Lima analisa a situação tempestuosa do Médio Oriente nestes últimos anos.

FERNANDO SOBRAL
fsobral@negocios.pt

Quatro anos depois, os números são demolidores e dolorosos: 200 mil mortos e 3,5 milhões de refugiados. Este é para já o resultado da guerra civil na Síria, no seu amontoado de mortes, destruição e miséria, que aniquilou por completo a vida económica e social daquele que foi em tempos uma das jóias da cultura do Médio Oriente. Os crimes de guerra não têm limites e ninguém parece poder declarar-se inocente face à barbárie instalada e à destruição sistemática de um país. Quando o ditatorial governo sírio de Bashar al-Assad reprimiu violentamente a rebelião de Homs em Fevereiro de 2012 abriram-se as portas para o inferno. Ainda empolgados pela Primavera Árabe, os governos do Ocidente pensaram que era possível “democratizar” a zona.

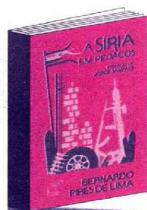
Os resultados estão à vista, na sequência do que sucedeu no Iraque: a Líbia é um país sem Estado, a Síria implodiu, o estado Islâmico (ou Daesh) está nas margens do Mediterrâneo e a quilómetros da Itália, a chamada oposição “moderada” desintegrou-se e foi substituída no terreno pelas milícias da Al-Qaeda e do EI. Pelo caminho descobriu-se o perigo de um Estado Islâmico que controla partes do Iraque, da Síria e da Líbia e que ameaça o Egipto, o Líbano e a Jordânia com a sua orgia sangrenta em busca de um novo

mundo, uma utopia religiosa e social onde as mulheres são tratadas como seres inferiores e os pagãos podem ser decapitados ou vendidos como escravos. Pelo meio al-Assad manteve-se no poder, respondendo com as mesmas armas do inimigo, e hoje a estratégia ocidental passa por perceber que ele é um dos pilares militares para conseguir destruir o EI. Pelo caminho ficam, até agora, 200 mil mortos.

É de tudo isto, mas também de toda a geoestratégia do Médio Oriente, onde alianças, amigos e inimigos mudam consoante as estações e os interesses políticos e económicos, que nos fala Bernardo Pires de Lima neste “A Síria em Pedacos”. Recolha das suas crónicas no “Diário de Notícias”, onde desde 2011 tem vindo a olhar incisivamente sobre

a actualidade internacional. Muitos desses textos são acutilantes e olham para o futuro com base no presente. Como escreve o autor na abertura: “Assistimos em directo ao início da guerra civil na Síria, mas ninguém sabe como ela vai acabar. Pior: ainda ninguém consegue afirmar se algum dia esta guerra terá fim”. É um cenário apocalíptico em pleno século XXI que parece impossível de explicar racionalmente. Porque destruiu um país, um povo, uma economia, um contrato social. Por isso este livro parece, por vezes, repleto de fotografias a preto e branco em formato de escrita.

Muitos dos textos descrevem-nos a simples hipocrisia das decisões do Ocidente, muitas vezes o maior responsável por estas catástrofes. Como neste: “O processo revolucionário em curso no Egipto mostrou a impossibilidade de o Ocidente manter o termómetro de dois mundos à mesma temperatura. Num, impera um poder central forte, sustentado nas Forças Armadas, hostil a movimentos islamitas radicais e pilar de alianças com países ocidentais, sobretudo com os EUA; no outro, reina uma predisposição de abertura ténue, bons índices de educação, a projecção de uma imagem de estabilidade e segurança que tanto cala as aspirações individuais como chega para contentar os países vizinhos”. Esse nó górdico é explicado sensatamente neste livro. **W**



BERNARDO PIRES DE LIMA
A Síria em Pedacos
Tinta da China,
263 páginas, 2015